

TOIROS

Por SARAIVA MENDES

EM ALCOCHETE OS TRIUNFADORES foram os toiros

O bonito curro enviado pelo ganadero David Ribeiro Telles, com chamada especial e volta à arena, foi o grande triunfador de Alcochete. Bem apresentados, com peso, casta e condições de lide, proporcionaram uma tarde divertida e três quartos de boa «faena» a António dos Santos.

E caímos assim, na paráfrase do adágio popular: «mal por ter touros, mal por os não haver».

A Manuel Conde saiu o único manso, colado às tábuas, que o capote de Gorrão, ou doutro qualquer, seria incapaz de tirar. Conde portou. Deu-lhe cavalo. Tentou o «sesgo», única sorte aconselhável em touros desta categoria. Impossível. E o cavaleiro de D. Maria apenas deixou uns ferros a cumprir.

No segundo, o touro bravo da corrida, Conde esteve bem nas preparações, citando de frente e entrando recto nas sortes, com uma verdade e emoção impressionantes. Todavia, no momento de cravar, a mão atrasava-se e o ferro saía a meia garupa.

Quando galopava, em frente dos curros, perseguido pelo inimigo, o cavalo alcançou-se, sofrendo aparatosa caída a descoberto. O touro, codicioso, investiu com ele, começando-o. Tentou, por duas vezes, os pares de bandarilhas deixando, apenas, melos pares a que pôs, contudo, a verdade necessária para ser aplaudido justamente, com volta ao «ruedo».

Gaston Santos passou por Alcochete sem pena nem glória. O seu primeiro, um mansote, foi toureado à laia de lanceador, farpa em riste e à distância conveniente para não haver desastres...

No outro, mais conflado, num touro a cumprir muito bem, esteve vulgaríssimo, sobressaindo em dois pares de bandarilhas.

Os forcados de Alcochete fizeram duas boas pegas de caras, por Intermédio de Carlos Baptista e António Verga e uma de recurso por Francisco Pinto.

António dos Santos teve umas intervenções de capote regulares, em quites por «chicuelinas» e «gaoneras».

Com a muleta, não se entendeu com o inimigo, apesar de se ter dobrado com ele. Empurrado, à mercê do bravo touro, com excesso de temperamento, deu-lhe uma «faena» na defensiva.

Já no outro, o mais pequeno em comparação com as irmãs «catedrais», o goleganense, depois de cravar dois pares regulares de bandarilhas, castiga o inimigo com eficientes passes por baixo, em modos de toureiro maestro, e oferecendo-lhe, em seguida, a muleta na mão direita, baixando-a para mandar, estirando o braço, devagar, lentamente, sem deixar o touro tocar na muleta. A isto chama-se «temple». Repousado, sereno, António dos Santos, sem se emendar, varre-lhe os lombos com um magnífico passe de peito. Muda de mão. E os seus «naturais», duma verdade tão impressionante, majestáticos, surgem na arena poligonal de Alcochete, com o desenho de uma água-forte. Uma «tanda», pela esquerda, com o remate natural de um passe de peito profundo, foi modelo magnífico de compêndio e antologia. Mas a «faena» ficou por aqui. Por isso lhe chamamos 3/4 de «faena». A condescendência com o público, admitte-se até ao ponto em que não prejudique a lide. E o touro tinha mais para tourear. António dos Santos preferiu o deslante e o adorno: acaricou o testuz, «telefonou» e mordeu o piton.

O público, em delírio, aplaudiu-o, obrigando o goleganense a duas voltas ao «ruedo».

Joaquim Marques é um caso arrumado, um toureiro lançado para o montão. Saiu-lhe o melhor touro para a lide apeada. Aquele com que um «diestro» sonha, para «armar o laço». Nobre, voluntário, revolvendo-se com lentidão, permitindo, assim, o arranjo da figura, parecia ensinar o coruchense como o devia tourear, pondo a cabeça no chão e deixando-se ir como uma «tonia». Claro, que mesmo assim, é necessário que o «diestro» se pare e corra a mão. Para isto é necessário aquecer. E quando se não tem valor, faz-se o que Joaquim Marques fez: alivia-se, tourela-se por alto.

Marques deu volta à arena, mas, em nossa opinião, quem a devia dar era o touro.

No último cravou dois pares aceitáveis. E pelos motivos expostos não conseguiu tourear este touro que tinha que tourear. Receoso, indeciso, começou a ensinar o inimigo a defender-se. Note-se, todavia, a primeira parte da «faena», para 14 valores, quando castigou com eficiência o bonito touro de Ribeiro Telles.

Carlos Raimundo e Rogério Amaro, da quadrilha de António dos Santos, bandarilharam com rapidez e acerto.

A nocturna do Campo Pequeno

A nocturna do Campo Pequeno estava quase cheia. A despeito da inferioridade de um pretensu toureiro, de um toureiro que é a própria negação daquilo que pretende fazer, pois não pára, não manda e não templa, o bom e ingénua espectador deixa-se arrastar por suposta competição. E se é de condenar a atitude desse indivíduo pela desorientação que causa no público, por outro lado, não há dúvida de que as suas actuações provocam entusiasmo e discussão. E ele, sem o querer, é o barómetro da acção portuguesa.

As suas duas intervenções, uma das quais prelada com voltas à arena e flores em celofane, são do mais medíocre que imaginar se possa, apesar de uns passes circulares, esforçados e aritmicos.

Francisco Mendes, ao seu primeiro, fez uma faena clássica, equilibrada, cheia de beleza e de «empaque» toureiro, a revelar a sua classe como «muletazo». Deu só uma volta ao ruedo porque, entretanto, chegava o intervalo... e o frio era muito.

No que fechou praça, o pior do lote, Mendes limitou-se a uma faena breve, aplaudida.

Fernando Salgueiro e Manuel Conde, dois estilos diferentes e bons do toureiro equestre, o primeiro, clássico, geométrico, e o segundo emocional e alegre, proporcionaram à assistência belos momentos de toureiro.

Cabeça Ramos, Melo Gouveia, Vaz Furtado e Luís Filipe do Souto Barreiros, fizeram quatro boas pegas de caras, em que sobressaía a do último.

«Badajoz», Raimundo e Helder bandarilharam bem. Na brega sobressaíu-se «Badajoz».

MC. 772



Compre

... margarina Chefe

de adquirir um

SÓ VEGETAL*,

e leve para o seu

Por isso ao c



MARGA

CHEFE

EM PACOTES

* Por ser fabricada só com óleos vegetais